

**FEMINISMO LIBERAL E MULHERES
NO MERCADO DO TRABALHO FORMAL
– uma análise do discurso**

***LIBERAL FEMINISM AND WOMEN
IN THE FORMAL LABOUR MARKET
– a discourse analysis***

Maria Clara Fonseca Pacheco*

Rafael De Tilio**

Resumo

A inserção das mulheres no mercado formal de trabalho é uma das principais reivindicações dos movimentos feministas, inclusive, do feminismo liberal. O objetivo desta pesquisa foi analisar os discursos (efeitos de sentidos) sobre a inserção das mulheres no mercado formal de trabalho produzidos por uma mulher feminista liberal. Foi realizado um estudo de caso único qualitativo utilizando uma entrevista com uma mulher feminista liberal. A partir da análise do discurso de Michel Pêcheux, os principais resultados foram organizados em formações discursivas (regiões de regularidades de sentido) que destacaram: a continuidade da divisão sexual do trabalho a ser realizado no espaço doméstico e no espaço público segundo o gênero do trabalhador e suas consequentes e distintas opressões e assimetrias; as relações entre feminismo liberal, meritocracia e individualismo no sistema de produção capitalista que, apesar de aparentar liberdade para o sucesso das mulheres, mantém discursos tradicionalistas.

Palavras-chave: Mulheres. Mercado de trabalho. Feminismos. Liberalismo.

Abstract

The inclusion of women in the formal labor market is one of the main demands of the feminist movements, including liberal feminism. The objective of this research was to analyze the discourses (meaning effects) about the women inclusion in the formal labor market produced by a liberal feminist woman. A qualitative single case study was carried out from an interview with a liberal feminist woman. Based on Michel Pêcheux's discourse analysis, the main results were organized in discursive formations (stable regions of meanings) that indicated: the continuity of the labor sexual division performed in the domestic and public spaces according to the gender of the worker and its consequent as distinct oppressions and asymmetries; the relations between liberal feminism, meritocracy and individualism in the capitalist production system despite appearing as women freedom and success that maintains traditionalist discourses.

Keywords: Women. Employment market. Feminism. Liberalism.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisadora associada do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e Gêneros (LEPESEGE) da UFTM. E-mail: maria_clarapacheco@hotmail.com

**Doutor em Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e Gêneros (LEPESEGE) da UFTM. E-mail: rafael.tilio@gmail.com

Introdução

A partir do reconhecimento das opressões, das injustiças, das subordinações e das violências que acometem as mulheres, os movimentos feministas se organizaram visando a enfrentar e superar essas adversidades (SANTOS *et al.*, 2016; SORJ, 2004). Originalmente concentradas em torno do direito ao voto das mulheres, atualmente os movimentos feministas problematizam o acesso igualitário ao mercado de trabalho formal, aos salários e à participação política nas arenas de decisões além de outros campos de disputas entre os gêneros (VINTGES, 2019).

Na história dos movimentos feministas, a metáfora das “ondas” é utilizada para organizar uma possível cronologia que destaca seus principais momentos, demandas e reivindicações (PAULA; SANTOS, 2021). Resumidamente, a primeira onda, ocorrida a partir das últimas décadas do século XIX, foi caracterizada pelo conjunto de movimentações realizadas por mulheres em busca de igualdade jurídica e política, como o direito ao voto (COSTA; SARDENBERG, 2008; PINTO, 2010). A segunda onda, delineada nos anos 1960, propôs um tom mais crítico e buscou uma transformação profunda na sociedade, travando uma luta ideológica contra os valores patriarcais representados pelos pais, maridos, companheiros, amigos, colegas de trabalho e outras figuras masculinas (COSTA; SARDENBERG, 2008; PINTO, 2010). Por fim, nos anos 1990, a terceira onda apresentou a desconstrução da (suposta) universalidade do grupo das mulheres, ou seja, a percepção de que não haveria um sujeito universal que representasse todas, destacando as especificidades das negras, das lésbicas, das do terceiro mundo, das transgêneras, das indígenas etc. (NASCIMENTO, 2021; MARQUES; XAVIER, 2018).

Neste sentido, os valores, as representações, as estratégias e as táticas de lutas visando a efetivação dessas demandas e direitos possuem diferenças, divergências e variedades dentre os grupos das mulheres – por isso há a necessidade de recorrer ao plural para designar os movimentos feministas. Assim, é possível falar em feminismos, considerando que durante sua trajetória esses movimentos foram se desdobrando em diversas vertentes e orientações, a saber seus principais: liberal, radical, marxistas ou socialista, negro e interseccional¹, cada qual com pautas e posturas políticas específicas (PAULA; SANTOS, 2021). Dentre eles, o feminismo liberal é considerado um dos pioneiros, sendo marcante durante a primeira onda com as sufragistas, no geral mulheres brancas e das elites europeias. Atrelado aos ideais liberais de igualdade, liberdade e universalidade, seu eixo de reivindicações foi construído a partir da denúncia de uma exclusão sistemática das mulheres da esfera pública e da necessidade de reconhecimento

1 O feminismo radical propõe um reordenamento radical das raízes da sociedade a partir do qual a supremacia masculina seria eliminada em todos os contextos sociais e econômicos; o feminismo marxista, classista ou socialista investiga e explica as maneiras pelas quais as mulheres são oprimidas por meio do sistema de produção capitalista e da propriedade privada; o feminismo negro atua tanto na esfera da discussão de gênero quanto na luta antirracista; o feminismo interseccional analisa e combate a discriminação de gênero levando em conta, necessariamente, questões de raça e classe social.

de suas liberdades pela inserção no mercado de trabalho que permitiria, assim, primeiro seu sustento e depois sua autonomia e protagonismo, aspectos que estavam garantidos apenas para os homens (COSTA; SARDENBERG, 2008).

Há de se destacar que o feminismo liberal se estrutura a partir de uma perspectiva institucional e imediatista, e não de transformação estrutural. Em outras palavras, sua aposta é a de que as mudanças sociais relacionadas às desiguais relações de/entre os gêneros podem ser alcançadas principalmente mediante e devido aos esforços individuais e protagonismos das mulheres pelo trabalho formal – haja vista a ilusão da similaridade das capacidades e oportunidades que todas as mulheres teriam a despeito de suas reais condições de existência – e não por meio da (espera passiva) da atuação (autoritária) do Estado, destacando os elementos típicos das concepções ideológicas das correntes liberais e neoliberais (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019; CYFER, 2010; COSTA; SARDENBERG, 2008).

Por isso, a meritocracia e o individualismo das ações – sustentados a partir de expressões universalizantes como empreendedorismo das oportunidades e resiliência diante das adversidades etc. – e a gestão dos afetos pessoais explicariam o sucesso e/ou fracasso individuais, em vez de esses serem reconhecidos como modos de (des) funcionamento social, cujo objetivo é a manutenção das desigualdades sociais e de gênero. Não à toa, devido à valorização dos atributos pessoais, os sofrimentos diante dos insucessos ou mal-estares individuais e sociais são significados equivocadamente como problemas biográficos e não como questões estruturais da sociedade (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021). Isso porque a realidade mostra que essa possibilidade de igualdade entre as classes sociais e os gêneros motivada apenas pelas ações dos indivíduos é uma falácia. Apenas para ficar em alguns exemplos, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) apontou que no ano de 2021, na comparação com os homens, as mulheres estão 20% menos presentes no mercado formal de trabalho (ALPACA, 2022); já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) destacou que a jornada semanal de atividades das mulheres dura em média 3,1 horas a mais que a masculina, pois são elas as maiores responsáveis pelas atividades domésticas (BÔAS, 2019). Por fim, o Instituto Patrícia Galvão (organização feminista sem fins lucrativos) revelou que 76% das mulheres já foram vítimas de violência no ambiente de trabalho (xingamentos, insinuações e importunações sexuais etc.) (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2020). Embora mudanças tenham ocorrido nas últimas décadas (em especial a crescente inserção das mulheres nas instituições de escolarização formal), a participação feminina no mercado formal de trabalho ainda é atravessada por desigualdades e opressões (CYFER, 2010; FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

Neste sentido, a análise do discurso de tradição francesa – tal como será precisada adiante – é uma possibilidade de compreender de maneira crítica a produção das universalizações de valores que, antes de libertar os sujeitos por considerar que são todos iguais nas suas origens, revela suas discrepâncias e particularidades como efeitos dos modos de funcionamento da

sociedade (PÊCHEUX, 2014). Compreender a situação das mulheres no mercado formal de trabalho é significativo por permitir questionar seu estatuto social, pois o emprego feminino é um fio condutor para entender seu espaço na sociedade (MARUANI, 2009). Considerando os entraves relacionados à inserção das mulheres no mercado formal de trabalho, as desigualdades presentes e as pautas do feminismo liberal, que cada vez mais ganha relevância e atenção no imaginário, servindo como elemento de destaque para resolução das disputas sociais, o objetivo desta investigação foi analisar os discursos (efeitos de sentidos) sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho produzidos por uma mulher feminista liberal.

Aspectos metodológicos

Estudo de caso único e qualitativo em Psicologia (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012). Essa pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da universidade dos pesquisadores e está registrada sob o número CAAE 36991420.8.0000.5154 da Plataforma Brasil com parecer de aprovação número 4.258.590.

Participou da pesquisa uma mulher autodeclarada feminista liberal e que está inserida em contexto formal de trabalho. O recrutamento da participante ocorreu por intermédio da rede de contatos dos pesquisadores na rede social *Facebook*, por meio da qual foram acionados grupos formados por mulheres que se identificavam com a ideologia liberal e com o feminismo liberal. Foram disparadas mensagens para membros de tais grupos solicitando indicações de participantes que respondessem aos seguintes critérios de inclusão: maiores de 18 anos de idade; ser mulher e se autodeclarar feminista liberal; ser informante qualificada a respeito dos ideais do movimento feminista liberal. Em seguida, foi encaminhado o convite da pesquisa para a potencial participante² que respondeu com interesse. Por fim, foram trocadas mensagens privadas pelo aplicativo *WhatsApp* para apresentação do objetivo do estudo, esclarecer eventuais dúvidas e realizar a coleta dos dados.

Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada elaborado pelos pesquisadores. O roteiro considerou os seguintes aspectos: dados gerais (idade, formação/escolaridade, contexto de trabalho, processo de inserção no mercado de trabalho, trabalho no espaço doméstico); seis questões sobre o movimento feminista liberal; sete questões sobre mercado de trabalho. Todos esses aspectos permitem compreender os efeitos de sentidos produzidos por uma mulher feminista liberal no mercado formal de trabalho, seus desafios, seus facilitadores, as principais pautas do feminismo liberal e as diferenças entre homens e mulheres nesse contexto. Após o recrutamento da participante, e mediante o aceite de participação da pesquisa, foi combinado um dia e horário para leitura do Termo de Consentimento Livre e

² Para a análise do discurso de Michel Pêcheux, dado ao seu radicalismo e sua filiação às pesquisas de vertentes qualitativas, uma entrevista somente (por ser uma fonte de materialidade linguística e discursiva) pode servir de matriz de produção de sentidos e, portanto, sustentar uma investigação.

Esclarecido e realização da coleta de dados. Considerando a diferença de localização geográfica entre a entrevistadora (que é a coautora desta pesquisa) e a participante, e as recomendações de distanciamento social no contexto da pandemia de covid-19, a entrevista ocorreu por intermédio da ferramenta *online* de videoconferência *Google Meet*, em janeiro de 2021, tendo duração de 1h12 minutos. O consentimento livre e esclarecido e a autorização de gravação de imagem e som foram obtidos por meio de registro audiovisual do aceite da participante. A entrevista foi transcrita na íntegra com auxílio de um programa de edição de texto e organizada para análise apoiada no referencial teórico da análise do discurso de Michel Pêcheux.

De maneira resumida, Michel Pêcheux desenvolveu sua teoria da análise do discurso apoiado na noção de que os sentidos produzidos que organizam as interações sociais não podem ser separados da história, do contexto social e da ideologia (FERNANDES; VINHAS, 2019). Assim, a análise do discurso busca compreender a produção dos sentidos não como dados *a priori* entre os interlocutores (ou seja, os sentidos não são nem naturais nem universais), mas sim como constituídos a depender das suas posições sociais (de classe, de raça, de gênero etc.) (BRANDÃO, 2007; ORLANDI, 2013). Para compreensão e análise do funcionamento do discurso (definido como efeitos de sentidos entre os interlocutores), Michel Pêcheux estabeleceu alguns conceitos (FERNANDES; VINHAS, 2019; ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014): o intradiscurso, que é o que os sujeitos efetivamente proferem; o interdiscurso, também denominado de memória discursiva, que faz referência aos sentidos estabelecidos nos contextos imediatos e na história que tornam possível todo o dizer, afetando os modos como os sujeitos produzem significações em situações específicas; as formações discursivas, que são regiões de regularidades de sentidos que, apesar de interligadas pelo interdiscurso, estão em disputa e representam as posições sociais (de classe, de raça, de gênero etc.) dos interlocutores; o esquecimento número um (da ordem da interpelação ideológica: os sujeitos esquecem que não controlam todas as possíveis derivações de sentidos) e o esquecimento número dois (da ordem da enunciação, pressupondo uma ilusão de transparência entre pensar e dizer: os sujeitos esquecem que não escolhem todas as palavras que utilizam); por fim, devido às relações de poder em disputa entre as formações discursivas, a formação discursiva que se sobressai serve como formação ideológica, servindo de norma e/ou padrão para as condutas e sentidos dos sujeitos.

Em termos de organização das etapas metodológicas, a análise do discurso de Michel Pêcheux aqui proposta está apoiada em três momentos (SILVA; ARAÚJO, 2017): estabelecimento das superfícies linguísticas (seleção de trechos da entrevista); passagem das superfícies linguísticas para as sequências discursivas (SD), mobilizando os conceitos de interdiscurso, formações discursivas (FD) e esquecimento número dois; passagem das sequências discursivas para o processo discursivo, mobilizando os conceitos esquecimento número um e formação ideológica.

Para a realização da análise dos dados desta pesquisa foram delimitadas quinze sequências discursivas organizadas a partir de três formações discursivas; a primeira representada por quatro SD sobre efeitos de sentidos sobre vivências das mulheres no espaço privado; a segunda representada por seis SD sobre efeitos de sentidos sobre vivências da participante no espaço público de trabalho; e a terceira representada por cinco SD sobre feminismos.

Resultados e discussão

Sendo este um estudo de caso único, a presente pesquisa contou com uma participante mulher, com 29 anos de idade, autodeclarada branca, original da região do nordeste, graduada em Direito e doutorado em andamento na mesma área. Segundo a participante, sua mãe exercia tarefas domésticas e não executava nenhum trabalho fora de casa, enquanto seu pai atuava como professor em uma escola pública. Ela, por sua vez, está inserida no contexto formal de trabalho desde o ano de 2017. Atualmente faz parte de uma organização de mulheres liberais exercendo a função de diretora voluntária – por isso é uma informante privilegiada. A participante também trabalha como diretora de políticas públicas em uma instituição sem fins lucrativos, suprapartidária e defensora do liberalismo econômico. A participante se autodeclara mulher feminista liberal e ativa no movimento há aproximadamente sete anos.

Para melhor disposição dos resultados, esta seção será dividida em duas partes: a primeira apresenta os efeitos de sentidos sobre vivências da participante na dicotomia público/privado e perante os feminismos – visando a identificar formações discursivas (regularidades de sentidos) que organizam seus discursos; neste caso, foram três as formações discursivas estabelecidas: FD1 sobre efeitos de sentidos sobre vivências das mulheres no espaço privado (SD um a quatro), FD2 sobre efeitos de sentido sobre vivências das mulheres no espaço público de trabalho (SD cinco a dez), e FD3 sobre feminismos (SD onze a quinze). A segunda parte desta seção se dedica ao Processo Discursivo com o objetivo de compreender as ideologias que interpelam os discursos da participante (ORLANDI, 2013; PÊCHEUX, 2014).

Formações Discursivas sobre vivências das mulheres na dicotomia público/coletivo e privado/doméstico e feminismos

Partindo das informações apresentadas pela participante ao longo da entrevista, foi possível identificar os sentidos atribuídos às vivências das mulheres atravessadas por dificuldades e estigmas historicamente estabelecidos; elementos que remetem ao machismo, sexismo, bem como submissões vivenciadas nas relações e no espaço privado denotam espaços de regularidade de sentidos, ou seja, uma formação discursiva específica (FD1). Sobre as dificuldades das mulheres no espaço privado, é apresentada a SD1:

Eu sou filha mais velha lá em casa, sempre houve diferença de tratamento entre eu e meu irmão, só que eu sempre fui muito combatível³.

³ A palavra “combatível” significa o que pode ser combatido. Considerando o contexto discursivo e argumentativo, a participante provavelmente queria dizer “combativa” (aquela que combate). Apesar de não aprofundarmos na análise esse deslocamento/deslize de sentidos, optamos por manter a materialidade linguística em sua originalidade, tal como recomendado por nosso referencial teórico.

Essa SD demonstra as diferenças entre homens e mulheres e seus impactos na construção da identidade da participante, considerando que, embora exista a premissa socialmente estabelecida de superioridade do(a) irmão(ã) mais velho(a), a relação é delimitada com base no gênero (ser homem ou ser mulher), determinando uma situação original de desigualdade. Deste modo, deduz-se que a participante assume uma postura de combate na tentativa de romper ou questionar esta lógica.

Nota-se que um dos efeitos de sentidos produzido pela expressão “só que” faz referência à ideia de oposição, ou seja, de se colocar em condição de não aceitação e de combate. Esse posicionamento pode ser compreendido como resposta às situações de opressão e dominação vivenciadas social e historicamente pelas mulheres presentes no interdiscurso, de modo que suas conquistas estão ligadas a uma série de lutas e reivindicações. Ainda é possível destacar que ser mulher nos contextos privados e familiares também é atravessado por opressões e assimetrias.

A SD2 reitera as opressões vivenciadas no espaço familiar e nas relações conjugais:

Eu acredito na escolha das pessoas, eu acho que as pessoas tem que escolher, sabe. Então, apesar de eu achar que seja uma escolha burra, eu acho que... tem mulher que escolhem, é... serem donas de casa, né, se dedicarem só pra família. Acho que todas elas se arrependem quando chega nos 50 anos, elas estão sendo trocadas pelo marido por uma mulher de 20 anos, então... acho... isso é uma visão de mundo também, tá... [risadas]. Mas eu respeito quem faz essa escolha, então assim, eu não sei se isso foi muito claro pra você, se isso foi muito militante ou então muito amargo o que eu falei, mas essa é minha opinião [risadas].

Apesar da crença na escolha individual típica do neoliberalismo, há um discurso que sugere a distinção entre escolhas válidas/inteligentes e escolhas desvalidadas/burras que resultam em arrependimento. Mesmo que partindo das próprias mulheres, a decisão de se dedicar à casa, ao espaço doméstico e à família seria menos valorizada do que “escolher” ter uma profissão ou trabalho no espaço público. A adoção do termo “escolha burra” faz referência a uma ação não racional atrelada à ideia de que escolher essa opção seria algo inaceitável, ou seja, na concepção liberal, os recursos (inclusive os cognitivos e afetivos) seriam os mesmos para todas as pessoas, logo é inaceitável que alguém escolha permanecer numa situação de desigualdade ou opressão porque inteligência, lógica e racionalidade são consideradas superiores a quaisquer outros atributos. A utilização desse adjetivo pode servir como paráfrase à “inaceitável” e à “inadmissível” produzindo, em decorrência do esquecimento número dois, a suposição da certeza e da assertividade que o dizer realizaria.

Na segunda parte desta SD2, ao mencionar que mulheres mais velhas são substituídas por mais novas é possível considerar a presença de um discurso com elementos machistas e etaristas que sugerem a objetificação e o descarte das mulheres devido ao envelhecimento – um equivalente da obsolescência programada dos produtos no capitalismo hodierno aplicada às relações entre os gêneros. Assim, por meio do interdiscurso, evidenciam-se manifestações

que associam as mulheres mais jovens a uma figura de interesse sexual, reduzida à garantia de energia e prazer aos homens, mas, à medida em que envelhecem, esses atributos são perdidos.

Ao falar sobre as principais reivindicações do feminismo liberal, a participante apresentou um relato (SD3) sobre as diferenças percebidas entre homens e mulheres e, em específico, à vivência de uma gravidez indesejada para ambos:

Porque eu acho que não tem nada pior pra uma mulher do que ela engravidar sem querer. Eu acho que... acho que esse é o ponto de diferenciação de uma mulher e de um homem. A gravidez indesejada, ela destrói a vida da mulher e ela não destrói a vida do homem.

É possível inferir que a partir do interdiscurso a participante remontou aos papéis esperados historicamente dos homens e mulheres no cuidado dos filhos, especialmente no momento inicial da maternidade, ou seja, na gravidez, as mulheres são delegadas às atividades do cuidado de tal maneira que esse é inscrito como valor moral a ser seguido, que muitas vezes ocorre sem quaisquer questionamentos (SILVA *et al.*, 2020). O uso do termo “destrói” sugere a dificuldade de outras significações para lidar com uma gravidez indesejada, suposta como um destino catastrófico. Adicionalmente, isso também faz referência à ideia de aniquilamento, o que remete ao esquecimento número dois, mediante a ilusão de que suas palavras poderiam ter sido ditas apenas daquela exata maneira. A SD4 ainda discorre sobre o contexto de gravidez:

Mulheres são melhores escolarizadas, têm rendimento melhor e produtividade maior, porém, quando elas se casam, é... uma mulher casada, ela está muito atrás do homem, enquanto um homem casado, ele está muito à frente de uma mulher. Uma mulher solteira e um homem solteiro, a mulher está na frente do homem. Então ela está, então assim, é... existe esse dado e a gente sabe que a... a... a maternidade ela atrapalha muito as mulheres.

A partir da presença do interdiscurso nesta sequência discursiva, a participante retomou o contexto vivenciado pelas mulheres ao longo da história e que ainda hoje tem seus efeitos no trabalho e na escolaridade. Em decorrência de uma ideologia que relaciona sexo biológico e gênero e reduz as práticas de cuidado aos papéis sociais sexuais, por muito tempo as mulheres estiveram equiparadas à sua condição biológica de fêmea (mãe, cuidadora) e, por isso, confinada em seu sexo (KERGOAT, 2009). Isso fez com que seu papel social estivesse correlacionado ao ambiente privado e doméstico, ao cuidado da prole e dos dependentes, restringindo seu acesso ao espaço público.

Com uma série de reconfigurações históricas complexas – como a expansão industrial, as conquistas promovidas pelos movimentos feministas e o aumento da escolarização da população feminina – houve uma transição com o incremento das mulheres no mercado de trabalho formal e, por consequência, alterações nos modos de funcionamento das famílias e das

maternidades. Contudo, esse processo não trouxe um equilíbrio para as funções exercidas entre os sexos/gêneros, mas, novamente, reforçou as desvantagens das mulheres (EMIDIO; CASTRO, 2021). Nesse rumo, ainda há uma destinação prioritária dos homens à esfera pública-produtiva e das mulheres à esfera doméstica-reprodutiva, ou seja, perdura a manutenção da divisão sexual do trabalho e das desigualdades entre os gêneros, apontando para os constrangimentos do desenvolvimento das carreiras profissionais das mulheres.

Além dos efeitos de sentido apresentados na FD1, compreende-se que o espaço público e especialmente o mercado formal de trabalho também se apresentam como reprodutores das relações de assujeitamento e discriminações vivenciadas pelas mulheres. Tal tema caracteriza outro espaço de regularidade e regularização dos sentidos: a FD2 sobre as vivências das mulheres no espaço público de trabalho – analisada nas sequências discursivas a seguir.

Durante a entrevista quando perguntada sobre o ingresso no mercado formal de trabalho, a participante remontou a uma linha temporal, começando pela etapa de conclusão da graduação, quando decidiu se dedicar profissionalmente à vida acadêmica, apresentada na SD5:

Na vida acadêmica, foi muito difícil porque eu decidi isso na graduação e eu comecei a fazer projeto de iniciação científica, não sei se você já teve a oportunidade de fazer... E aí tinha um que era bem específico lá em [cidade], que ele me daria acesso a passar no mestrado lá. E eu decidi fazer esse, porque achei que através desse eu teria é.. essa possibilidade. Só que aí, você entra no mundo acadêmico e você descobre que tem que babar os professores. É, e eu nunca consegui babar os professor que tinha que babar e tudo... aí, apesar de ter entrado neste projeto, eu tive muitas dificuldades internamente, porque eu... eu fui muito subversiva, eu nunca seguia as orientações do orientador, é... ao fim acaba que ele meio quis me reprovar, ele não reprovou porque eu botei... eu bati pé pra botar uma professora que eu queria na banca... e aí depois ele me reprovou na seleção do mestrado da [universidade].

Nessa sequência discursiva, é possível evidenciar relações de autoridade/poder manifestadas na díade professor-aluno. Compreendida como uma gíria, “babar” faz referência àquele que bajula e faz muitos elogios a outra pessoa para obter benefícios. Desta forma, e a partir dos efeitos de sentidos pré-existentes (memória discursiva ou interdiscurso), é possível inferir que alunos que correspondem a essa dinâmica conseguem aprovações/vantagens mais facilmente, o que explica o fato de a participante se perceber enquanto subversiva, isto é, por sustentar uma atitude contrária ao esperado. Além disso, o uso desse termo indica uma ilusão de controle e domínio sobre o que o interlocutor (entrevistadora) irá significar. A participante desconsidera que os sentidos podem derivar de suas intenções e suposições e podem ser significados de maneiras distintas, por exemplo, remetendo aos sentidos de “admirar” ou “se encantar”, caracterizando o esquecimento número dois.

Além disso, o efeito de sentido produzido pelo desejo de ter uma professora mulher na banca de avaliação sugere um discurso de apoio entre iguais (gênero), isto é, como se neste caso a díade professora-aluna estivesse inscrita em uma relação de sororidade, compreensão,

igualdade e suporte. Assim, o não cumprimento das expectativas sociais – “babar” os professores (homens) – acarretaria consequências negativas como a reprovação no mestrado.

Ainda sobre a reprovação, a participante contou (SD6) que entrou na justiça para rever o resultado:

Só que aí, eu processei a Universidade e eu consegui a causa, porque eu me formei em Direito então eu já... eu mesma que fiz a ação... eu fiz a ação com meu ex-namorado na época, ele fazia Direito também e ele passou [mestrado] e eu não passei, e isso me gerou uma revolta muito grande e na época as pessoas perguntavam se tinha sido ele que tinha feito a ação. Só que quem tinha feito a ação, tinha sido eu. Então isso me incomodava muito.

Apoiado no interdiscurso, é possível recuperar elementos da memória discursiva que fazem referência à divisão sexual do trabalho, ou seja, a suposição de que a divisão do trabalho seria naturalmente decorrente das relações sociais de sexo (KERGOAT, 2009). Assim, são considerados o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (o trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher) (KERGOAT, 2009). Embora não seja considerado um fenômeno imutável, a noção de hierarquização e, por consequência, a valorização do trabalho masculino, é reproduzido nesse cenário. Por isso, ainda que em condições de (suposta) igualdade – isto é, ambos graduados em Direito, portanto, haveria equivalência de capacidades e de oportunidades independentemente dos demais marcadores das diferenças sociais – o reconhecimento e a legitimidade dos resultados das mulheres são ofuscados pela supervalorização dos homens. Quando a participante relatou a indignação com sua reprovação e a aprovação de seu ex-namorado, ocorreu a mobilização de sentidos que sugerem a repetição de inconformismo com a discriminação.

Ainda sobre sua experiência no mercado de trabalho, a participante relatou (SD7) um período em que trabalhou no Estados Unidos e passou por situações de assédio⁴:

Eu fui para os Estados Unidos, trabalhar lá em uma outra organização. E aí, lá, eu fui muito assediada pelo meu chefe. Ele realmente, queria... e aí lá eu fui assediada, só que no final das contas, eu levei e denunciei ele quando eu saí da organização. Denunciei ele só quando eu saí. Ele me mandava mensagem de conotação sexual e tudo, e enfim, em alguns momentos eu notava que ele tava chateado, porque eu não respondia, ele meio que... é... dizia que meu trabalho era muito ruim. E enfim, como era um trabalho de... de tempo curto, né, de tempo limitado e eu, é... eu decidi levar, porque enfim, aquela experiência pra mim era importante.

O assédio envolve condutas de natureza sexual, de expressão física, verbal ou não verbal, propostas ou impostas contra a vontade, principalmente nos locais de trabalho e dos

4 Mantivemos a expressão “assédio” por ter sido utilizada pela participante. Mas é significativo nomeá-la adequadamente: trata-se de violência contra as mulheres em suas mais diversificadas expressões.

quais decorrem ataque à dignidade do assediado (ALEMANY, 2009). Quando direcionado às mulheres se constitui como uma expressão de poder e dominação dos homens. Assim, nessa sequência discursiva, é possível sugerir efeitos de sentido que remetem ao medo de retaliação após a denúncia, o que mobilizou a participante a fazê-la apenas quando houve encerramento do vínculo de trabalho. É evidenciado o quanto os relatos das violências sofridas pelas mulheres são descredibilizados, acarretando impactos significativos na efetivação das denúncias. A escolha de “chateado” para nomear o descontentamento do chefe pode servir como paráfrase à “irritado” e “bravo”, produzindo, em decorrência do esquecimento número dois, a ilusão de que as palavras só poderiam ter sido ditas daquela maneira.

Ao ser perguntada sobre seu atual trabalho, a participante relatou (SD8):

Muito recentemente... são 3 diretores e eu sou a única mulher, e aí tem um único diretor que tá acima de todos os diretores e aí tem os outros diretores. E aí eu descobri agora, em dezembro, e eu estou na organização desde o dia [data] ... que eu recebo menos que o antigo diretor. Eu entrei recebendo menos que o antigo diretor, do que ele recebia e ainda recebo menos que o mesmo diretor que exerce a mesma função que eu. E aí, é... eu fui perguntar... eu fui perguntar a razão, não falei porque eu era mulher, lógico, mas eu falei que é... como é que eu faço pra progredir, porque aí... depois... quando eu questionei... falaram que era porque eu era diretora júnior e o outro era diretor sênior. O que pra mim poderia até fazer sentido se isso tivesse sido acordado, né. E não foi acordado.

Embora nos últimos anos tenham ocorrido avanços nas pautas das relações de/entre os gêneros, sobretudo para mulheres e no contexto público de trabalho, ainda são observadas repetições de práticas como a desvalorização da força de trabalho feminina e a desigualdade salarial: mulheres recebem cerca de 20% a menos do que os homens (DESOTI, 2022).

Não obstante, a SD8 ilustra esta disparidade salarial e ao pontuar “são três diretores e eu sou a única mulher” a participante acrescentou ao cenário a baixa representatividade das mulheres em posições de liderança. Outro aspecto da sua resposta refere-se ao trecho “não falei porque eu era mulher, lógico”, o que faz menção aos sentidos comumente presentes no interdiscurso sobre a associação entre trabalho feminino e baixa remuneração.

Assim como a problemática salarial, há também os desafios vivenciados pela participante nas relações de trabalho, sobretudo com seus subordinados, conforme ilustra a SD9:

Os meus dois subordinados não aceitam liderança e tem muito problema dessa natureza, querem ... eles querem que eu trate eles como amigo... eu não trato eles como amigos e enfim. Eu encaro esse tipo de problema lá ... E aí, é... eu faço terapia, né. E eu sempre falo isso, a gente sempre... eu sempre falo isso com as minhas amigas também, que pra mim é só pelo fato de eu ser mulher e do Nordeste, só pode... que eles não aceitam.

Um dos efeitos de sentidos adotado por “subordinados” denuncia os papéis esperados pela participante em relação aos homens de sua equipe, ou seja, de posição secundária e inferior. Essa relação pode ser compreendida mobilizando o conceito de esquecimento número dois já que o termo utilizado poderia ter sido “liderados”, por exemplo. Outro aspecto importante se refere aos efeitos de sentidos possibilitados pelo interdiscurso relacionados às regionalidades, por exemplo, ao considerar que sujeitos originários da região nordeste do Brasil são constantemente alvos de estereótipos e preconceitos que remetem à falta de competência.

Em determinado momento da entrevista, quando questionada sobre o que ela considerava como principais pautas de reivindicação do feminismo, a participante retomou sua reflexão sobre as divergências entre homens e mulheres no contexto de trabalho (SD10):

A gente precisa ser o triplo deles, pra... pra... conseguir as coisas. E eu estou disposta a fazer isso. A... a ser o triplo. Mas também, quando eu chegar nesse triplo, eu não contrato homem. Eu odeio trabalhar com homem, eu acho uma merda, eu acho péssimo. São descompromissados, acham que tudo se consegue na amizade, então assim, eu acho que essa é uma pauta comum que tem [nas correntes feministas].

Cabe destacar que nessa sequência discursiva foi resgatada a relação de desigualdade entre os gêneros, ou seja, sugerindo a necessidade de um esforço maior por parte das mulheres para conseguirem alcançar seus objetivos – postura típica e emblema maior do feminismo liberal (CYFER, 2010). Ademais, foi mencionado que as mulheres possuiriam um traço relacional afetivo e de amizade inerente à sua condição, o que poderia facilitar as relações de trabalho com homens.

Também foi possível identificar espaços de regularidades de sentidos acerca dos feminismos (FD3). Quando perguntada sobre o significado da palavra feminismo, a participante destacou (SD11):

O feminismo é importante como uma situação de emancipação mesmo, porque a gente... é... a gente consegue identificar as coisas, né... as diferenças de tratamento e de credibilidade, né. Eu não me sinto... eu não sinto que eu tenho a mesma credibilidade que... que o outro diretor, por exemplo, ou então que o antigo diretor tinha, né. Os espaços que eram dados a ele, o antigo, e os espaços que são dados pro atual. Mas isso é uma briga que eu tô encarando, entendeu? E que eu, é... tô estabelecendo uma estratégia. Pra mim, o feminismo é importante pra isso, né, pra... pra saber fazer uma leitura da... do contexto que a gente tá inserido.

A participante retomou efeitos de sentido já explorados ao longo da entrevista e que se referiam às distinções baseadas nos gêneros. Os movimentos feministas são mencionados como estratégias para reconhecimento e rompimento desses funcionamentos. A partir do interdiscurso e da memória interdiscursiva, há a retomada da invisibilidade das mulheres no espaço público, considerando que, embora ocorram questionamentos das adversidades, várias delas permanecem associando as novas relações às antigas tensões (SOUSA; GUEDES, 2016).

Dentre as diversas manifestações dos feminismos, a participante foi questionada sobre seus motivadores para identificação e articulação com o movimento feminista liberal (SD12):

No final da graduação, que eu comecei a ter os problemas da... com o meu orientador na época, eu... é... porque eu tive problema com ele porque ele era muito de esquerda, e eu não tava querendo escrever do jeito que ele queria... e eu tava sendo muito influenciada por um professor que eu admiro muito até hoje e que... que foi na minha banca do mestrado e que eu pretendo que venha na minha banca aqui no doutorado. Ele... me passava alguns livros que me influenciaram muito e aí... foi quando eu dei o estalo liberal, assim, foi quando eu me tornei liberal e... aí... eu entrei no movimento feminista liberal porque eu detestava os movimentos da esquerda liberal... da esquerda feminista... nossa, eu acho elas insuportáveis. Detesto... eu acho elas chatas e autoritárias, sabe.

Houve um deslocamento para os aspectos que na verdade afastaram sua participação das demais correntes. Em “eu entrei no movimento feminista liberal porque eu detestava os movimentos da esquerda” é possível sugerir uma repulsa, reconhecendo o movimento liberal como uma descoberta – “dei o estalo liberal”. Esse discurso pode ilustrar as incidências do esquecimento número dois, pois a participante poderia justificar sua rejeição aos feminismos de esquerda com “não concordo com as pautas do movimento”, por exemplo. Porém, seu discurso se materializou com base na rivalidade, não se apercebendo que ela também reproduz estigmas ao generalizar todas as mulheres feministas de esquerda como “insuportáveis”, “chatas” e “autoritárias”.

Ainda nessa SD12 ocorreu um ato falho da participante – que para a análise do discurso interessa mais por evidenciar os efeitos incontroláveis do funcionamento do discurso e da linguagem, e as presenças dos esquecimentos um e dois, e menos devido aos fundamentos biográficos desse fenômeno – que ao falar sobre a identificação com os movimentos feministas disse “eu detestava os movimentos da esquerda liberal” (quando o correto seria a direita é liberal), revelando a enunciação de algo que não intencionava, portanto, inconsciente (AIRES, 2017). Nos movimentos discursivos, o ato falho permite ao analista do discurso acessar sentidos recusados, porém presentes devido ao interdiscurso e, neste caso, sugerir dissonâncias da própria participante quanto ao feminismo liberal (AIRES, 2017).

Para além das motivações e sentidos de reconhecimento, também foram investigados os significados atrelados à autopercepção enquanto mulher feminista liberal (SD13 e SD14):

Então eu acho que ser feminista liberal é isso. É achar que que a gente tem que fazer uma comunidade de empoderamento mesmo e que tem que ser espontâneo. Não gosto de fazer... nem de esperar que o Estado vai resolver os problemas e nem que seja um movimento autoritário.

Não é um movimento disruptivo então, é um movimento que vai andar mais devagar porque não vai vim, é... de imposições estatais e nada disso, porque eu acredito na escolha das pessoas, eu acho que as pessoas tem que escolher, sabe.

Considerando a incidência do interdiscurso, podem ser retomadas noções históricas acerca de um feminismo atrelado aos ideais liberais que defendem a preservação e a não intervenção externa nas escolhas e as ênfases nas condutas individuais e particulares das mulheres (CYFER, 2010) – a palavra “empoderamento” na sequência discursiva evidencia isso. Esse aspecto fica evidente quando a participante discorreu sobre a necessidade de um movimento feminista espontâneo e sem participação do Estado, pressupondo uma tomada de consciência e de ação individual como meios para garantir o exercício da liberdade e da autonomia, elementos típicos do neoliberalismo contemporâneo, que exalta os indivíduos pelos seus sucessos e fracassos ao mesmo tempo em que retira da cena as condições sociais e estruturais de produção das desigualdades (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

Não obstante, o mercado de trabalho foi destacado como uma das possibilidades para a efetiva emancipação das mulheres, embora também tenha sido apresentado no decorrer da entrevista como um espaço de opressões e assimetrias entre os gêneros (SD15):

A gente [grupo de feministas liberais] acha muito que a emancipação da mulher vai vim pelo mercado de trabalho, coisa que a esquerda não acha isso. Eu sou convicta de que sim. Porque a mulher, quando ela é independente financeiramente, foda-se o restante do mundo.

É possível destacar a significação produzida de que a independência financeira resultante do emprego (trabalho formal) é determinante para a emancipação e autonomia das mulheres. Percebe-se uma tentativa de reduzir os efeitos de sentidos proporcionados por meio do interdiscurso, ou seja, ao fato de que as assimetrias e desigualdades vão além do espaço de trabalho e dos aspectos econômicos e são destacados na esfera privada, nas relações sociais e nos relacionamentos amorosos.

Processo Discursivo

A partir das formações discursivas apresentadas (FD1 sobre os efeitos de sentidos das vivências das mulheres no espaço privado; FD2 sobre efeitos de sentidos das vivências das mulheres no espaço público de trabalho, e FD3 sobre os efeitos de sentidos acerca dos feminismos) foi possível compreender que a inserção das mulheres no mercado de trabalho, apesar dos avanços nos últimos anos, ainda é perpassada por discursos e práticas ideológicas opressoras.

Nesta perspectiva, considera-se que os discursos presentes na entrevista estão associados e se apresentam como previamente situados na história, produzidos e produzindo relações de/entre sentidos. Cabe considerar que os sentidos se relacionam com o que é dito no presente, mas também com o que ocorre e ocorreu em outros lugares e épocas (em outras condições de produção), assim como com o que não foi/não pode ser dito e com o que poderia ser dito, mas não foi (ORLANDI, 2013).

Essa última etapa da análise do discurso se encarrega de compreender e evidenciar as relações de sentidos estabelecidas entre as formações discursivas e as formações ideológicas, situando a própria entrevista como processo discursivo – isto é, como processo de produção do discurso. As formações discursivas, em especial a FD1 (efeitos de sentidos sobre vivências das mulheres no espaço privado) e a FD2 (efeitos de sentidos sobre vivências das mulheres no espaço público de trabalho) indicam uma formação ideológica que remete à dicotomia público/privado como reprodutores das assimetrias entre os gêneros.

Apesar do reconhecimento da esfera pública como espaço de direito para as mulheres, não ocorreram reconfigurações expressivas no que diz respeito à lógica dos papéis sexuais e sociais estabelecida no contexto privado. Neste sentido, os homens permanecem em posição privilegiada que no geral os desobriga das responsabilidades domésticas e afetivas, enquanto as mulheres, ao ingressarem no mercado formal de trabalho, não possuem os mesmos privilégios que os homens, permanecendo em uma posição inferiorizada e precarizada (SORJ, 2004).

As relações de explorações e subordinações das mulheres apoiadas nas diferenças entre os gêneros não deixaram de existir, mas ganharam novas roupagens – ou discursos. Além das diferenças de cargos e funções, há a diferença salarial (uma vez que mulheres ainda recebem menos que os homens ocupando os mesmos cargos), abusos e importunações como assédios morais e violências sexuais, dentre tantas outras (ALVES *et al.*, 2020). No Brasil, apenas em 2015, direitos básicos previstos para os trabalhadores foram estendidos às trabalhadoras domésticas (categoria composta majoritariamente por mulheres) que, contudo, coexistem com quartinhos de empregadas e elevadores de serviço (para serviçais), ou seja, a exploração das mulheres continua a ser a tônica (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019).

A opressão no trabalho também é presente na fala da participante: “eu fui para os Estados Unidos, trabalhar lá em uma outra organização. E aí, lá, eu fui muito assediada pelo meu chefe”; e também: “eu entrei recebendo menos que o antigo diretor, do que ele recebia e ainda recebo menos que o mesmo diretor que exerce a mesma função que eu”. Porém, o mesmo cenário de assimetrias foi narrado como estratégia possível para a emancipação das mulheres: “a gente [grupo de feministas liberais] acha muito que a emancipação da mulher vai vir pelo mercado de trabalho, coisa que a esquerda não acha isso. Eu sou convicta de que sim. Porque a mulher, quando ela é independente financeiramente, foda-se o restante do mundo”. Esse último exemplo (“foda-se o restante do mundo” significa “fodam-se todos menos eu”) destaca a dominação e a ilusão dos sujeitos inseridos numa discursividade neoliberal que promete sucesso para todos os indivíduos (desde que se esforcem...), mas que gera e aprofunda cada vez mais desigualdades e sofrimentos (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

Embora reconheça a situação de desvantagem, condene a discriminação e defenda a liberdade de escolha, o feminismo liberal não se apoia na ideia de abolição da hierarquia social, portanto, não altera a estrutura social de desigualdade, mas visa a “empoderar” uma a uma as mulheres para ascender aos postos de sucesso e de reconhecimento social e financeiro, todavia,

sem alterar as desigualdades entre as classes sociais e entre os gêneros. Dessa maneira, esse feminismo liberal se sustenta na ideia e na prática de que as mulheres devem alcançar cargos e salários iguais aos dos homens mediante seus esforços e força de vontade individuais, o que não rompe com a degradação sistemática no nível coletivo, afinal, apenas uma pequena parcela das mulheres tem acesso a esse espaço e as essas oportunidades (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019; VINTGES, 2019).

Atravessada pelas formações ideológicas próprias da relação entre liberalismo, neoliberalismo e capitalismo, a participante se ilude com a perspectiva de igualdade promovida e decorrente do livre mercado, da livre competição e da liberdade econômica – elementos e valores que animam o entusiasmo corporativo das empresas (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019). Em “a gente precisa ser o triplo deles, pra... pra... conseguir as coisas. E eu estou disposta a fazer isso. A... a ser o triplo. Mas também, quando eu chegar nesse triplo, eu não contrato homem”, é possível destacar o funcionamento do esquecimento número 1: a ilusão da autossuficiência e de liberdade (de contratar quem quiser) típicas da meritocracia e do individualismo da sociedade capitalista liberal, que são anteriores e exteriores aos próprios sujeitos generificados. É estabelecida uma ordem fundada no poder da competência, considerando que mulheres esforçadas e que “fazem acontecer” merecem e justamente por isso certamente alcançarão o sucesso individual e a autorrealização (SUSEN, 2017; VINTGES, 2019).

Vale destacar que o capitalismo não inventou a subordinação das mulheres, pois ela existiu e existe sob diversas formas em diversas sociedades. Porém, o sistema de produção capitalista estabeleceu outros modelos de subordinação igualmente apoiados na divisão sexual, de gênero e de classes sociais (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019; CYFER, 2010; SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021). Assim, as mulheres sofrem submissão e exploração constantes de classe social e de gênero nos trabalhos exercidos nos espaços públicos e empresariais, enquanto na esfera privada seus trabalhos domésticos são desvalorizados e subvalorizados como obrigações naturais (PATEMAN, 1998). Ainda há de se considerar que o liberalismo, o neoliberalismo e o capitalismo estão implicados, visto que todos têm como fundamento a radical divisão e distinção entre as dimensões públicas e privadas a partir da qual a sujeição das mulheres sustenta a liberdade dos homens no espaço público (CYFER, 2010).

Considerações finais

O ingresso das mulheres no mercado formal de trabalho pode ser considerado marco importante para as lutas feministas ao longo da história. No entanto, mesmo que esse processo represente um considerável avanço social e uma maior participação feminina, algumas relações de opressão e subordinação vivenciadas pelas mulheres permanecem, mas recebem uma nova roupagem e uma reconfiguração discursiva própria do sistema de produção capitalista.

Os principais resultados deste estudo indicam que os efeitos de sentido sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, considerando os discursos produzidos por uma mulher jovem, branca, com emprego formal e feminista liberal estiveram organizados em relação aos seguintes espaços de regularidades de sentidos: sobre as vivências das mulheres no espaço privado; sobre as vivências das mulheres no espaço público de trabalho; sobre os feminismos. Desta forma, permanecem: a divisão sexual do trabalho; as atividades das mulheres ainda atravessadas pela noção biologizante de gênero; as situações opressoras e assimétricas (violências, assédios, desigualdades salariais) etc.; todas essas são sustentadas e produzidas pelas ideologias do feminismo liberal apoiadas nos ideais de meritocracia e individualismo que se mostraram marcantes na entrevista.

Vale destacar que esta pesquisa possui algumas limitações, dentre as quais: trata-se de um estudo de caso com uma participante com características que não podem ser universalizadas para o conjunto da população feminina; que investigações com maior número de participantes, com outras superfícies linguísticas ou com outras estratégias metodológicas certamente apresentariam outros efeitos de sentidos que auxiliariam a compreender esses complexos fenômenos. Mesmo assim, os resultados podem ser contributivos para a compreensão das condições materiais e ideológicas das práticas de (re) produção e de regulação da inserção das mulheres no mercado formal de trabalho, condizentes com parte significativa da população brasileira.

Referências

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Pesquisa revela: 76% das mulheres já sofreram violência e assédio no trabalho. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa-revela-76-das-mulheres-ja-sofreram-violencia-e-assedio-no-trabalho/> Acesso em: 18 dez. 2020.
- AIRES, Suely. Atos falhos: interpretação e significação. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 24-37, 2017.
- ALEMANY, Carme. Assédio Sexual. In: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 25-30.
- ALPACA, Nathalie Hanna. Participação de mulheres no mercado de trabalho é 20% inferior à dos homens. **CNN**. Rio de Janeiro, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-20-inferior-a-dos-homens/> Acesso em: 08 mar. 2022.
- ALVES, Natália Fernandes Teixeira *et al.* Mulheres no contexto de trabalho: Representações sociais a partir da orientação sexual. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 421-441, 2020.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BÓAS, Bruno Villas. Dupla jornada faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens. **Globo**, Rio de Janeiro, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/04/26/dupla-jornada-faz-mulheres-trabalharem-31-horas-a-mais-que-homens.ghtml> Acesso em: 29 abr. 2019.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria (org.). **O feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas**. Salvador: Editora UFBA, 2008. p. 23-47.

- CYFER, Ingrid. Liberalismo e feminismo: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 135-146, 2010.
- DESOTI, Carol. Dados do G1: Diferença salarial entre homens e mulheres. **Globo**, Rio de Janeiro, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://blog.idados.id/idados-do-g1-os-cargos-com-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres/> Acesso em: 20 abr. 2022.
- EMIDIO, Thassia Souza; CASTRO, Matheus Fernandes de. Entre Voltas e (Re)voltas: um Estudo sobre Mães que abandonam a Carreira Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 41, p. 1-16, 2021.
- FERNANDES, Carolina; VINHAS Luciana Iost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 19, n. 1, p. 133-151, 2019.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 144-149.
- KERGOAT, Daniele. Divisão Sexual do Trabalho. In : HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-76.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira dos. Do conceito de gênero à pluralização das sujeitas do feminismo. In: NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira dos. **Transfeminismos (coleção Feminismos Plurais)**. São Paulo: Jandaíra, 2021. p. 23-44.
- MARQUES, Melanie Cavalcanti; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. In: SEMINÁRIO CETROS, CRISE E MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL, 6., 2018, Fortaleza. **Anais do VI Seminário Cetros**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018.
- MARUANI, Maegater. Emprego. In : HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 85-90.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Pontes: Campinas, 2013.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.
- PAULA, Fernanda Oliveira Queiroz; SANTOS, Tania Coelho dos. Primeira onda do movimento feminista: modernidade e psicanálise. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 91-111, 2021.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora Unicamp, 2014.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Cristian Ingo (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SANTOS, Luana Carola dos *et al.* Gênero, Feminismo e Psicologia Social no Brasil: Análise da Revista Psicologia & Sociedade (1996-2010). **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 28, n. 3, p. 589-603, 2016.
- SHAUGHNESSY, John; ZECHMEISTER, Eugene; ZECHMEISTER, Jeanne. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: AMGH, 2012.
- SILVA, Jonathan Castro; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 17-31, 2017.
- SILVA, Juliana Márcia Santos *et al.* A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 8, n. 3, p. 149-161, 2020.
- SORJ, Bila. Trabalho, Gênero e Família: quais políticas sociais? In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA Maria Lúcia (org.). **Políticas Públicas e Igualdade de Gênero**. Brasília: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. p. 143-148.
- SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyego Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016.

SUSEN, Simon. Reflexões sobre a ideologia: as lições de Pierre Bourdieu e Luc Boltanski. **Perspectivas**, São Paulo, n. 49, p. 101-137, 2017.

VINTGES, Karen. Feminismo versus neoliberalismo: práticas de liberdade das mulheres numa perspectiva mundial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, p. 1-10, 2019.

Recebido em: 03/06/2022

Aceito em: 04/05/2023